

Série Turisol de Metodologias

Turismo Comunitário



Turismo e Resistência na Zona Costeira Cearense





Realização:



Parceiros Financiadores da Série Turisol*:



Parceiros institucionais:



Parceiro apoiador:



*As organizações financiadoras da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário não são necessariamente parceiros financiadores de cada experiência relatada pela Série. A TAM, o Ministério do Turismo e a Fundação Kellogg financiaram a produção e redação dos livretos por meio de convênio ou termos de parceria firmados com o Projeto Bagagem.

De onde estamos vindo



A Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – Rede Turisol, é composta por organizações que se uniram com a missão de fortalecer o turismo comunitário no Brasil. Atualmente a rede é composta por 23 iniciativas localizadas em 10 estados do Brasil e mais de 100 municípios, e encontra-se em fase de expansão. As principais linhas de atuação da Turisol são:

- 1) Comercialização
- 2) Comunicação
- 3) Impactos em Políticas Públicas
- 4) Capacitação e intercâmbios
- 5) Universidade e Turismo Comunitário
- 6) Juventude e Turismo Comunitário

Em 2008, o Ministério do Turismo, por meio do Edital de Chamada Pública de Seleção de Projetos de Turismo de Base Comunitária, selecionou de forma inédita 50 projetos (entre mais de 500 projetos inscritos) de apoio ao turismo de base comunitária distribuídos em 19 estados brasileiros. Dentre os 50 aprovados, 5 são membros da Rede Turisol, que se inscreveram de forma articulada, viabilizando assim a implementação de

um plano de trabalho da rede, executado sob a liderança do Projeto Bagagem. Este plano de ação envolveu o fortalecimento dos destinos da rede por meio da criação de produtos promocionais e estratégias de comercialização conjuntas do turismo comunitário. As principais iniciativas deste plano incluem a expansão da rede através da inclusão de novos membros, a criação de um portal da rede, um catálogo promocional, a publicação da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário e a realização de encontros regionais e de um Encontro Nacional entre os membros da rede.

A produção da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário contou com o financiamento para a redação e coordenação da TAM Linhas Aéreas, da Fundação Kellogg e do Ministério do Turismo. E com uma generosa parceria com o Museu da Pessoa, que possibilitou a realização de uma roda de histórias filmada, bem como de entrevistas de histórias de vida ou temáticas em seu estúdio em São Paulo. Assim, foram gravadas 9 entrevistas temáticas, de 5 lideranças comunitárias e 4 técnicos ou coordenadores de ONGs locais que atuam com essas comunidades, que incluíram elementos das histórias de vida de cada entrevistado, e também uma roda de histórias com 6 projetos membros da rede.

Apresentação do grupo de Coco de Caetanos de Cima durante o II Seminário Internacional de Turismo Sustentável (II SITS). Foto: Iana Soares

A Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário é composta por 7 volumes que registram as histórias e metodologias das seguintes experiências:

- 1) Projeto Saúde e Alegria (Santarém, PA)
- 2) Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC)
- 3) Pousada Uacari, Instituto Mamirauá (Tefé, AM)
- 4) Projeto Bagagem (São Paulo, SP)
- 5) Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE)
- 6) Rede Tucum (12 comunidades do litoral do Ceará)
- 7) Pousada Aldeia dos Lagos (Silves, AM)

Nos últimos 10 anos, estas experiências estão entre as iniciativas que mais se destacaram no Brasil, e diante de uma crescente demanda por informações sobre como iniciar e gerenciar o turismo comunitário em outras localidades, surgiu a idéia de uma sistematização que deu origem a esta Série. Com estes registros esperamos informar, compartilhar e inspirar o desenvolvimento de novas iniciativas voltadas ao turismo comunitário no Brasil e no mundo.

Boa leitura!

São Paulo, 2010.



Como a comunidade Caetanos de Cima participa do turismo comunitário organizado pela Rede Tucum?

"Em Caetanos de Cima, são organizados vários serviços, desde a organização das pousadas, dos passeios e das trilhas e as refeições.

Quando o visitante vem, realizamos uma noite cultural, um círculo de cultura, com os conhecimentos tradicionais de homens, mulheres, jovens e crianças. Apresentamos a dança do côco, as músicas animadas com o violão, têm cirandas, histórias e brincadeiras tradicionais. O turista também tem um espaço para partilhar saberes, contar uma história ou falar algo, que possa contribuir com o trabalho da gente.

...temos aprendido muito com a experiência, na verdade acontece uma troca de conhecimentos...

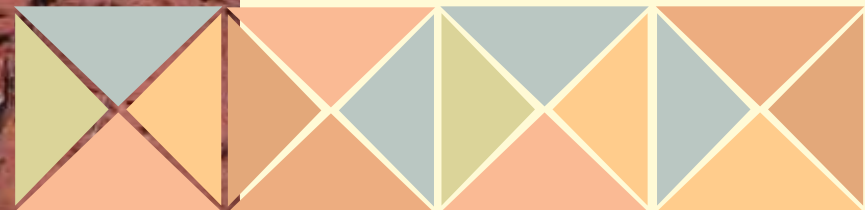
"O trabalho do turismo comunitário na nossa comunidade é um trabalho de resistência. O turismo é uma oportunidade pra gente garantir o nosso território, obter novos conhecimentos, se ajudando coletivamente."

**Trechos do depoimento de Valneide Sousa
Comunidade Caetanos de Cima, Rede Tucum, CE**



Índice

De onde estamos vindo	03
Agradecimentos	07
Introdução	08
Histórico	09
Metodologia	12
Conquistas e desafios	31
Considerações finais	32
Contatos/Créditos	33



Agradecimentos

A articulação da Rede Cearense de Turismo Comunitário é fruto de muitas lutas e da resistência das comunidades, que se puseram em movimento e buscaram ações programáticas de pessoas e organizações não governamentais, comprometidas com a construção de outros referenciais e novos paradigmas para a vida em sociedade.

Agradecemos a todas as pessoas que lutaram corajosamente, que acreditaram que podemos construir o turismo comunitário a partir das culturas locais, e a todas aquelas que estão abertas e dispostas a conhecer e dialogar em atitude solidária com a nossa experiência. Pois só assim, é possível tecer a Rede Tucum, esta grande rede de acolhimento, de trocas e de novas utopias.

Dança do teré em Tatajuba, novembro de 2010- Foto: Rogeria de Oliveira

Introdução

A Rede Tucum é uma articulação de comunidades que se propõe a realizar o turismo comunitário no Ceará, integrado a perspectiva de fortalecer a relação entre sociedade, cultura e natureza, com justiça ambiental.

Compõem a Rede Tucum comunidades tradicionais localizadas na Zona Costeira do Ceará, a Associação Mulheres em Movimento (AMM), o Alojamento Frei Humberto (MST) e três organizações parceiras de apoio institucional.

Compreendemos o turismo comunitário como uma oportunidade para as populações locais possuírem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento, sendo diretamente responsáveis pelo planejamento e gestão das atividades das estruturas e dos serviços turísticos propostos.

Essa percepção surge quando as comunidades reconhecem que não é suficiente apenas fazer a crítica ao modelo de turismo convencional, gerador de segregação socioespacial, de concentração de renda e de problemas socioambientais. De forma que, afirmar o Turismo Comunitário além da crítica, é propor outra lógica para construção do Turismo, dialogando com princípios que orientam e fortalecem relações solidárias entre homens e mulheres construtores/as de uma sociedade comprometida com a sustentabilidade em seus aspectos políticos, socioculturais, ambientais e econômicos.

Assim, consideramos estratégica a construção de momentos de vivências com a comunidade, favorecendo as trocas culturais entre visitantes e populações locais em seus ambientes de vida e trabalho. Onde o visitante partilha de novas experiências e contribui com a valorização das identidades locais e da produção cultural.

A Rede Tucum se organiza a partir de dois objetivos:

- Promover formas de oferta turística locais para garantir às populações tradicionais a permanência em seu território e possibilitar a continuidade das atividades econômicas tradicionais, em particular a pesca e a agricultura;
- Oferecer, aos viajantes responsáveis de todo o mundo, a oportunidade de conhecer e vivenciar experiências de turismo comunitário junto as populações tradicionais.





Histórico

A Inspiração nasce no contexto

O turismo tem sido propagandeado pelos governos como uma atividade redentora para a economia, capaz de promover a inclusão social onde é desenvolvido. Diante do crescimento, inclusive internacionalmente, desta atividade, o Governo Federal brasileiro construiu seu Plano Nacional de Turismo 2007-2010, estabelecendo metas como:

- Gerar 1,7 milhões de novos postos de trabalho
- Estruturar 65 destinos com padrão de qualidade internacional
- Gerar 7,7 bilhões de dólares em divisas
- Aumentar de 35 para 65 milhões os desembarques em vôos domésticos
- 7,9 milhões de turistas estrangeiros por anos
- 217 milhões de viagens no mercado interno

Para concretizar estas metas, o Governo Federal, em sintonia com os Governos Estaduais e municipais, vem promovendo um conjunto de ações — incentivos financeiros e fiscais, mudança na legislação ambiental, promoções dos destinos e construção de infra-estrutura — que articuladas entre si, constroem um ambiente propício para investimentos privados no setor de turismo.

A consolidação deste processo é responsável pela degradação social e ambiental nos locais considerados cartões postais, sobretudo na Zona Costeira, caracterizada pela beleza paisagística e por importantes recursos ambientais (terra, água, mangues etc). Também, se dá mediante a negação das populações locais, ou sua visibilização como agentes passíveis de exploração, em seu trabalho, em seus conhecimentos tradicionais ou na perversa exploração sexual das mulheres, meninas e crianças, seguindo o padrão histórico do processo colonizador imposto ao país há mais de 500 anos.

Esse modelo de turismo tem raízes seculares na exploração dos grupos e recursos locais para favorecimento do grande capital e benefício das tradicionais elites locais e grupos estrangeiros. Se instala, acompanhado de graves violações dos direitos humanos que vão se constituindo e se agravando mutuamente, tais como o aumento das desigualdades, a favelização da Zona Costeira, o aumento da violência institucionalizada contra jovens e adolescentes e contra os grupos organizados que resistem à invasão de seus territórios.

A crítica a esse contexto, assim como a organização para o enfrentamento de vários conflitos fundiários, vem sendo,



historicamente, algumas das ações realizadas pelo Instituto Terramar e o conjunto dos Movimentos Sociais na Zona Costeira Ceará.

No período correspondente ao triênio 2003-2005, a participação estendeu-se para o fortalecimento de uma articulação nacional, a partir das relações/parcerias com a Iniciativa de Gênero para Monitoramento das Instituições Financeiras Multilaterais, a Construção do debate sobre turismo no Fórum Social Mundial e Nordeste e a formação do GT Turismo FBOMS / REDE BRASIL.

Buscamos também, o fortalecimento de uma articulação internacional desde a realização do I e II Seminário Internacional de Turismo Sustentável em 2003 e 2008; e do Fórum Global de Turismo; da construção das reflexões e articulações da temática de turismo nos Fórum Social Mundial da Índia e Porto Alegre/RS em 2004 e 2005, respectivamente; e da participação em redes que buscam a construção do turismo comunitário, a exemplo da Rede de Turismo Comunitário da América Latina- REDTURS.

Hoje, toda essa movimentação social fez com que muitas comunidades se demonstrassem sensibilizadas,

demandando intervenções para construir e implementar uma proposta de turismo comunitário. Cabe ressaltar a existência de grupos que se articulam entre si e constroem estratégias para desenvolver alternativas de turismo. De modo que já existia um processo inicial para a formação de uma rede de turismo comunitário, no qual o Terramar, a Associação Amigos da Prainha do Canto Verde e a ONG Tremembé Onlus vinham se colocando como agentes importantes na mobilização, na organização e gestão das experiências.

Este cenário demonstra um ambiente propício de elaboração de novas concepções e práticas de turismo, nos moldes que defendemos: socialmente justo e ambientalmente sustentável. Entretanto, para a consolidação e o fortalecimento desses processos fez-se necessário, ainda, algumas conquistas, dentre as quais destacamos: a necessidade de fortalecer as iniciativas econômicas coletivas já existentes; agregar a essas iniciativas, de forma mais sistemática, estratégias de enfrentamentos dos impactos do turismo de massa, considerando suas múltiplas dimensões e as especificidades dos segmentos vulnerabilizados (tais como as mulheres e a juventude); fortalecer a mobilização social em torno dessa



problemática e conquistar apoio financeiro e político de outros sujeitos que acreditam e têm compromisso com a proposta.

O Turismo Comunitário se traduz na capacidade da população local possuir o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento, sendo diretamente responsável pelo planejamento das atividades e pela gestão das infraestruturas e dos serviços turísticos.

Esse significado que o Turismo Comunitário tem para nós, é resultante de longos debates coletivos e está baseado nos princípios que fomos buscar para orientar a nossa forma de organizar a atividade.

Princípios e diretrizes

1. As atividades de turismo são desenvolvidas por grupos organizados e os projetos são coletivos, de base familiar;
2. O turismo se integra à dinâmica produtiva local, sem substituir as atividades econômicas tradicionais;
3. O planejamento e a gestão das atividades são de responsabilidade da

organização comunitária local;

4. O turismo comunitário baseia-se na ética e na solidariedade para estabelecer as relações comerciais e de intercâmbio entre a comunidade e os visitantes;

5. O turismo comunitário promove a geração e a distribuição eqüitativa da renda na comunidade;

6. O turismo comunitário fundamenta-se na diversidade de culturas e tradições, promovendo a valorização da produção, da cultura e das identidades locais;

7. O turismo comunitário promove o relacionamento direto e constante entre grupos que também desenvolvem a experiência de um turismo diferente, estabelecendo relações de cooperação e parceria entre si;

8. O turismo comunitário fundamenta-se na construção de uma relação entre sociedade, cultura e natureza que busque a sustentabilidade sócio-ambiental.

Assentamento Coqueirinho. Foto: Monica Bonadiman.

Metodologia

O caminho da construção da metodologia

Construir outro turismo, esse era o objetivo, o desejo. Qual o caminho, então? Essa era a pergunta de partida. Uma primeira certeza: a partir dos acúmulos com trabalhos anteriores, sabíamos que essa não era uma tarefa para um ou dois, mas para muitos e muitas. Era preciso garantir uma construção coletiva, marcada pelo estabelecimento de parcerias em torno de ações articuladas e objetivos comuns.

Da certeza, muitas outras perguntas: Como construir as bases desta construção coletiva? Quais objetivos nos unem, quais nos diferenciam? Que sujeitos considerar, em que leituras e experiências nos inspirar? As reflexões e os instigantes debates em torno destas e de outras questões foram nos aproximando do método, aqui entendido como "estrada, via de acesso e, simultaneamente, rumo, discernimento de direção" (Oliveira, 1998:17), que elegeríamos.

Se nossa crítica fundamental ao turismo convencional era a de que este não considerava as populações costeiras como sujeitos de direitos, era preciso, então,

que o método desenhado por nós enfrentasse esse problema. Nesse contexto, o Projeto da Rede Tucum elegeu a utilização de métodos de ação educativa que focassem na construção e/ou fortalecimento de sujeitos políticos em todas as suas ações e intervenções.

Definido nosso método ou caminho colocamos o "pé na estrada", sabedores/as de que "(...) o caminho se constrói caminhando e interagindo (RAGO, 1998:32)", ou seja, cientes de que nesse percurso é sempre necessário o estudo e a avaliação permanente do caminho percorrido para elaboração das metodologias, dos jeitos de fazer as ações para que possamos alcançar nossos objetivos. Desta forma, a elaboração metodológica dos processos de formação tem um lugar relevante na constituição da Rede Tucum.

Pois, se a construção do turismo comunitário é uma tarefa coletiva, precisamos consolidar uma rede forte e ativa. Nesse sentido, está colocado o próprio desafio de consolidação do sujeito Rede Tucum. Com quantas linhas se tece uma rede, uma rede de turismo comunitário? Essa é uma das perguntas que tem colocado em movimento o pensamento e o planejamento estratégico das comunidades e dos grupos que integram atualmente a rede.

Curral Velho. Foto: Arquivo Instituto Terramar.



Trocando em miúdos

A proposta de turismo comunitário tem a autonomia das comunidades locais e dos sujeitos coletivos como princípio fundamental de sua existência; reconhece a interação e a complementaridade das atividades econômicas tradicionais e estabelece relações entre sociedade, cultura e natureza, pautada na justiça ambiental.

O nosso objetivo é contribuir para a construção teórica e metodológica de uma proposta que se contraponha à lógica dominante no modelo de turismo em curso, e estabeleça novas perspectivas para as populações locais. Em outras palavras, com o turismo comunitário pretendemos colaborar com:

- o estabelecimento de um lugar de sujeito para as populações locais, a partir do exercício de pensar e realizar a gestão de uma proposta alternativa de turismo, saindo assim da periferia em que estão situadas na proposta de turismo convencional;
- a consolidação de uma atividade alternativa, que em conjunto com outras atividades tradicionais, fortaleça a autonomia econômica das comunidades tradicionais;
- o fortalecimento dos sujeitos, sobretudo das mulheres e da juventude, segmentos

mais vulnerabilizados no modelo convencional de turismo;

- o fortalecimento das lutas comunitárias pela garantia de suas terras, águas e território.

Para alcançar este objetivo são planejadas ações voltadas para consolidar a infraestrutura destinada às atividades turísticas comunitárias; para a mobilização social em torno dos direitos humanos das comunidades costeiras; para a criação de estratégias de monitoramento e intervenção em políticas públicas de turismo; e para a formação de sujeitos coletivos. Nestes tempos, temos realizado junto às comunidades que compõem a rede: diagnósticos participativos, seminários de planejamento estratégico, formação a partir de oficinas temáticas, melhoria e/ou construção de equipamentos turísticos (pousadas e restaurantes comunitários, quartos domiciliares, entre outros).

Todas essas ações colaboraram para a construção, em cada comunidade, de Grupos de Trabalho de Turismo (GT/Turismo), composto por pessoas responsáveis pela realização de diversas ações necessárias a efetivação dos serviços turísticos: a exemplo da hospedagem, da alimentação, dos passeios e trilhas, da troca entre



comunitários e visitantes. Nesse contexto, outra ação realizada é a construção e o monitoramento da rotina organizacional do GT/Turismo de cada comunidade e a articulação destes entre si e com a coordenação da Rede.

No campo do fortalecimento institucional da Rede Tucum vimos realizando plenárias que posteriormente se tornaram assembléias anuais de planejamento e elaboração de estratégias comuns. Consolidamos um plano de formação para os/as trabalhadores/as, considerando a participação nos seminários e nas oficinas temáticas e elegemos uma Coordenação da Rede composta por comunidades e entidades de assessoria. Optamos ainda, pela criação do Núcleo Tucum, que funciona como uma secretaria executiva, para dinamizar contatos entre os membros da Rede Tucum e, entre outras Redes parceiras e o público. O Núcleo é responsável, também, pela produção de materiais de promoção e marketing.

E porque ainda temos muito a caminhar e interagir e com isso aprender, não situamos as questões aqui apresentadas como uma metodologia acabada, mas como questões que têm nos colocado em movimento, no pensamento e na ação, em busca da consolidação do turismo comunitário.



Coral da Prainha do Canto Verde.
Foto: Arquivo Instituto Terramar

Estratégias coletivas de gestão

As primeiras experiências vividas são referência para orientar o planejamento das estratégias de gestão no Turismo Comunitário. As comunidades começaram a debater o tema da gestão, inicialmente em relação ao território, à pesca artesanal. Foi importante isso para introduzirmos o tema no processo de organização do turismo.

Começamos por elaborar uma ficha de hospedagem e uma ficha de avaliação dos visitantes, usada inicialmente em fase experimental. Avaliamos com as comunidades as dificuldades e fizemos algumas modificações.

Aprofundamos o tema da gestão de negócios no turismo comunitário a partir de oficinas, oportunidade em que passamos a conhecer várias ferramentas de gestão, incluindo exercícios práticos para elaboração e planejamento de custos de serviços e produtos, compra de materiais e, estratégias de como efetuar o registro de receitas e despesas, assim como, elaborar prestação de contas e arquivamento das documentações.

Assembléia da Rede Tucum em Tatajuba, novembro de 2010. Foto: Camila Garcia



Depois das oficinas, as comunidades foram visitadas pelos consultores para orientação do uso das ferramentas. Este processo foi importante para que mais pessoas da comunidade viessem conhecer os procedimentos e assim, a garantia do alcance de transparência de toda movimentação financeira gerada a partir dos serviços.

No turismo comunitário temos propostas que se diferenciam, quanto à forma coletiva ou familiar de organizar os espaços. Quando o espaço é coletivo, são definidos os custos e os investimentos coletivamente e quando as atividades são realizadas no núcleo familiar, é combinada uma taxa sobre os serviços, que é recolhida para o caixa comunitário da Associação ou Cooperativa, para manutenção dos serviços de comunicação e o deslocamento dos seus membros.

O grupo todo deve acompanhar o processo e ao chegar ao final de seis meses ou um ano, havendo saldo, o grupo decide como irá disponibilizar os recursos para novos projetos comunitários. Em assembléia, foi decidido que cada grupo vai colaborar anualmente para as despesas da Coordenação da Rede.

Evidentemente que a questão da gestão não está resolvida, mas os problemas são parte do processo democrático para a construção de uma proposta inovadora. Neste caso, o grupo vai buscando a superação das dificuldades a partir de sua capacidade de organização. Atualmente, está circulando na Rede Tucum, uma proposta de sistematização dos procedimentos a serem adotados pelos membros da Rede, que afinal deverá ser mais um instrumento de apoio para o processo de gestão.

Abraço ao mar Tremembé. Foto: Monica Bonadiman



Comunidades e Organizações membros da Rede Cearense de Turismo Comunitário Rede Tucum





Ponta Grossa

Falésias coloridas e histórias para contar

Os 200 moradores de Ponta Grossa ocupam uma fascinante área que se estende entre um corredor de falésias de areia colorida e o mar de um azul estonteante. O direito de permanecer nesta terra foi conquistado ainda nos anos 90 e a venda de propriedades ali é terminantemente proibida.

Estar neste pequeno vilarejo de pescadores é viajar por um universo diferente, onde a maioria dos habitantes, descendentes de holandeses, fazem parte de uma mesma família e assinam o sobrenome Crispim.

Apreciar o pôr-do-sol de cima de uma duna vermelha de aproximadamente 50 metros de altitude que se superpõe sobre as falésias e encontra o mar provoca uma sensação de tranquilidade e envolvimento com a natureza impossível de serem descritos!



Tremembé

Solidariedade e mar calmo e relaxante

No extremo leste do litoral cearense, Tremembé é um lugar de extensos coqueirais, praia de mar calmo e com ampla faixa de areia branca. Ali, encontra-se a Pousada Tremembé, uma iniciativa da Associação Tremembé – Itália para apoiar projetos de desenvolvimento alternativo na região e fortalecer a organização da comunidade.

Os serviços turísticos são gerenciados pela ONG Caiçara que com os recursos gerados pela pousada, tem fomentado novos e significativos projetos sociais na região.

Os visitantes solidários que a visitam levam boas lembranças do modo de vida da comunidade e compartilham da sensação de ter contribuído com ações afirmativas importantes para a melhoria da qualidade de vida da população local.

Tremembé. Foto: Águeda Coelho



Assentamento Coqueirinho

Turismo agroecológico e frutos da agricultura familiar

Em sua história de luta pelo território descobriram novas maneiras de cultivar a terra. Hoje, hortas orgânicas, sistemas agro-florestais, apiário e banco de sementes, além de serem importantes articuladores da Bodega - Nordeste Vivo e Solidário (rede de socioeconomia solidária de produtores rurais).

A vida simples do campo e com a gente batalhadora que reside ali são os atrativos principais de Coqueirinho, que há dez anos recebe a visita de turistas solidários. A relação entre visitantes e moradores é reforçada com passeios de charrete puxada a boi, ou em uma instigante caminhada pelo assentamento. Conhecendo a mata preservada, os lugares de cultivo agrícola e de criação de animais.

A comunidade acolhe com alegria famílias ou grupos nas estruturas de hospedagem preparadas também para eventos, com capacidade para até 40 pessoas. A culinária regional é composta por deliciosas refeições, preparadas com os produtos orgânicos ali mesmo produzidos. Os visitantes podem ainda assistir um espetáculo do grupo de teatro ou dança folclórica que favorece uma integração maior com os costumes e as pessoas do lugar.

Grupo de Teatro de Coqueirinho. Foto: Arquivo Instituto Terramar



Prainha do Canto Verde

Organização comunitária, terra conquistada e pesca responsável

Destaque internacional na luta pela terra e projetos de turismo comunitário no litoral cearense, a comunidade conquistou em 2009 a criação da Reserva Extrativista, assegurando a todos os moradores os direitos à posse da terra.

A Cooperativa de turismo comunitário com sua longa experiência tem organizado os serviços que proporcionam aos visitantes a oportunidade de conhecer a diversidade dos atrativos naturais com o carinho e o cuidado que são necessários.

A Prainha do Canto Verde é um verdadeiro exemplo de integração entre o turismo e atividades tradicionais desenvolvidas, entre elas, pesca artesanal, a agricultura familiar e o artesanato produzido pela maioria das mulheres e dos jovens. Entre tantas opções, é possível contar com hospedagem para grupos de até 60 pessoas, assim como, estrutura para eventos e passeios de catamarã a vela ou nas jangadas, típicas embarcações de pescadores.

XVI Regata Ecológica da Prainha do Canto Verde.
Foto: Águeda Coelho



Batoque

Garantindo o espaço, preservando vidas

Batoque, a primeira Reserva Extrativista do Ceará (RESEX), que se caracteriza pelas práticas ecológicas de uso que a população local estabelece com a terra, a lagoa e o mar. São 320 famílias que vivem a beira do mar, o provedor de sua principal fonte de renda - a pesca.

A organização comunitária é identificada com histórica luta contra os especuladores imobiliários e a conquista do direito ao seu território, que inclui atrativos naturais convidativos para a realização de trilhas e outras opções de lazer à beira mar.

Os serviços disponibilizados aos visitantes incluem hospedagem na pousada comunitária Pousada Marisol, situada com vista privilegiada para o mar, proporcionando um ambiente de paz e tranquilidade, além de cardápio com toque especial da culinária regional servido nas barracas situadas na beira da praia e da lagoa de Batoque.

Batoque. Foto: Arquivo Instituto Terramar



Jenipapo-Kanindé

Encontros místicos e tradições indígenas

Jenipapo-Kanindé, uma das nove etnias indígenas do Ceará, vive às margens da Lagoa da Encantada, em meio a um grande campo de dunas do qual é possível apreciar o verde da mata e o azul do mar. Sua renda básica é proveniente da agricultura familiar, da pesca na lagoa e da produção de artesanato.

Os visitantes, sempre que possível, são recepcionados pela Cacique Pequena, que abençoa a partida para as trilhas existentes ali. Um destaque é a trilha do Morro do Urubu, que proporciona uma vista panorâmica de toda a terra indígena e seus ecossistemas de mares, dunas e lagoas. Após subir esta duna com mais de 90 metros de altitude, nada mais refrescante que banhar-se nas águas relaxantes da Lagoa da Encantada, em companhia dos guias locais e inspirados nos mitos, crenças e histórias do povo Jenipapo-Kanindé.

O grupo de turismo oferece além das trilhas, serviços de alimentação incluindo almoço e café da manhã no Cantinho do Jenipapo.

Jenipapo-kanindé. Foto: Arquivo Instituto Terramar



Flecheiras

Vida vindo da maré

Flecheiras é a praia mais visitada do município de Trairi. É uma comunidade litorânea que dispõe de várias estruturas turísticas. Entretanto, a rede Tucum é parceira da Associação de Produtores de Algas de Flecheira e Guajiru – APAFG. Que desenvolve uma experiência de cultivo de algas marinhas, estimulando a proteção dos bancos naturais e demais ecossistemas costeiros. As algas são beneficiadas para servir como fonte de alimento e matéria prima para produtos de artesanatos e cosméticos.

O formato da praia em meia lua compõe uma belíssima enseada entre coqueirais, que guardam os segredos dos inúmeros pescadores artesanais que fornecem peixe fresquinho para o consumo local e para os visitantes, fazendo da pesca e do turismo as principais atividades econômicas do lugar.

Os membros da APAFG recebem seus visitantes para trilhas no centro de produção, na área de cultivo marinho e na comunidade de Flecheiras compartilhando experiências do seu saber tradicional.

Banco de Algas de Flecheiras. Foto: Águeda Coelho



Caetanos de Cima

A terra é o maior patrimônio do povo

A comunidade é formada por pessoas muito acolhedoras que vivem em meio a um vasto campo de dunas e lagoas. As 46 famílias buscam na agricultura familiar e na pesca artesanal a sua principal fonte de renda.

Sua histórica luta a favor do direito sobre seu território resultou que a terra onde vivem fosse decretada como assentamento de reforma agrária ainda nos anos 80.

A Cultura local é marcada pelos elementos do litoral com histórias e dramas contados pelos mais velhos. A Dança do Coco praticada por pessoas de todas as idades faz memória e incentiva suas formas de resistência. Desde 2005, funciona o Ponto de Cultura Abrindo Velas Pescando Culturas em parceria com o Ministério da Cultura, fortalecendo a tradição musical e outras expressões tradicionais.



Curral Velho

Seres encantados protegendo o ambiente

Comunidade de pescadores e marisqueiras que mantêm uma estreita e respeitosa relação com a natureza em seu entorno - um exuberante manguezal e a tranquila praia de Arpoeirás.

Este povo guerreiro não se cala diante de agressões sociais e ambientais. Sua resistência contra a carcinicultura (criação de camarão em cativeiro) garantiu a preservação de uma grande área de mangue, último espaço deste ecossistema não ocupado pela Carcinicultura na região. O Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário "Encante do Mangue" é a materialização desta conquista, lugar de acolhida, boa comida e atividades culturais da comunidade.

Em Curral Velho, uma das atrações é um passeio pelo mangue, aprendendo com os guias locais a dinâmica ambiental e as espécies mais encontradas neste ecossistema tão importante para a vida. Outros atrativos são as hospedagens e a culinária regional, que o Centro Encante do Mangue oferece aos visitantes. É possível conhecer as histórias de pescadores e aprender algumas técnicas de pesca artesanal.

Curral Velho. Foto: Aline Baima



Tatajuba

Um abraço de mar com banho de água doce

Em meados do século passado, esta comunidade de pescadores e agricultores teve sua vila soterrada em decorrência do caminhar de suas imponentes dunas. Buscando lugares mais seguros, os moradores passaram a ocupar diferentes espaços, organizando-se em quatro vilas: Nova Tatajuba, Vila São Francisco, Baixa da Tatajuba e Vila Nova.

Duas vezes ao dia, Tatajuba é ilhada quando um braço de mar é tomado pelas águas da maré cheia. A trilha do Morro Branco, duna mais próxima do mar, a vista panorâmica da área e nos tira o fôlego! Mais estonteante ainda é o pôr-do-sol dali - a beleza é indescritível!

A comunidade resiste contra a especulação imobiliária para o turismo de luxo, desenvolvendo projetos sociais coordenados pela Acomota, associação de moradores. Recentemente o grupo de turismo comunitário está acolhendo os visitantes nos chalés construídos coletivamente a partir de tecnologias sustentáveis.

Tatajuba. Foto: Arquivo Instituto Terramar



Associação Mulheres em Movimento

Hospedagem solidária em Fortaleza

Construído na década de 1970, o Conjunto Palmeiras está localizado ao sul de Fortaleza e possui mais de 32 mil habitantes vivendo em uma área de aproximadamente 120 hectares.

Distante dos centros de interesses comerciais e políticos da capital cearense, os moradores do Conjunto Palmeiras aprenderam desde cedo a lutar por seus direitos. A organização popular trouxe além de visibilidade, a conquista de importantes direitos como água encanada, a construção de escolas públicas, posto de saúde e, entre outros, um Centro de Cidadania.

Partilhar desta história é um convite para conhecer os modos de resistências construídos pela organização popular, que enfrenta os graves problemas da periferia com força e coletividade. A gestão do turismo comunitário é feito por um grupo de mulheres, apoiadas por suas famílias. São oferecidos passeios no bairro e também trilhas em Fortaleza, possibilitando o conhecimento de experiências bem sucedidas de economia solidária que visam o desenvolvimento da comunidade, entre elas o Banco Palmas e a Cozinha Comunitária da Associação Mulheres em Movimento.

Associação Mulheres em Movimento. Foto: Monica Bonadiman



Centro Frei Humberto de Formação, Capacitação e Pesquisa do MST

Hospedagem solidária em Fortaleza

O Centro Frei Humberto é um centro de formação e acolhida dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e dos movimentos sociais parceiros.

Ficar uns dias no Centro Frei Humberto em Fortaleza é uma possibilidade de compartilhar um pouco dos princípios e da vivência deste movimento e contribuir, direta ou indiretamente, para o seu fortalecimento!

O Centro Frei Humberto também oferece serviços de alimentação e um novo espaço para eventos com capacidade para até 200 pessoas.



Organizações Parceiras

Associação Tremembé (Itália)

Fundada em 1999 e com sede na cidade de Trento, a "Associazione Tremembè Onlus" se ocupa de apoiar micro-projetos produtivos e de assistência social no Brasil e também de sensibilizar e educar, na Itália, para a interculturalidade e para o desenvolvimento sustentável. Está na coordenação da Rede Tucum, juntamente com o Instituto Terramar e disponibiliza recursos humanos para assessoria técnica aos membros da Rede.

Fundação Amigos da Prainha do Canto Verde (Suíça)

A Associação "Amigos da Prainha do Canto Verde" existe desde 1991 e tem sede na cidade de Stäfa, Suíça. O propósito dos Amigos é incentivar o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável da zona costeira brasileira, tendo como exemplo a Prainha do Canto Verde, uma referência no tocante a estruturas auto-suficientes de educação, saúde, alimentação e trabalho, oriundos da pesca artesanal e do turismo comunitário. É representada no Brasil, pelo René Schärer, também suíço e residente na Prainha do Canto Verde,

Beberibe, Brasil, há mais de 20 anos. A Associação dá suporte a projetos de comunidades do litoral do estado do Ceará, que têm como objetivo mobilizar esforços da sociedade civil organizada na perspectiva de melhorar a qualidade de vida e, promover o turismo sustentável e a participação ativa das populações tradicionais no planejamento do desenvolvimento da região litorânea.

Instituto Terramar

O Instituto Terramar é uma organização não-governamental, do campo popular democrático que atua na Zona Costeira do Ceará, visando o desenvolvimento humano com justiça ambiental, cidadania, participação política, autonomia dos grupos organizados e fortalecimento da identidade cultural dos Povos do Mar do Ceará.

Desde 1993, data de fundação, integra e apóia os Movimentos Sociais Zona Costeira do Ceará, com os quais vem colaborando com a construção da crítica sobre os impactos das políticas públicas na vida das populações tradicionais e elegendo temáticas e territórios estratégicos para a ação institucional. O trabalho com a temática do Turismo Comunitário vem ao encontro a uma demanda apresentada pelas comunidades. Atualmente, apóia institucionalmente e assessora diretamente os membros da Rede Tucum.

Conquistas e Desafios



Reconhecemos como conquistas no processo:

- O aumento da capacidade das lideranças comunitárias em compreender e questionar os impactos do modelo de turismo convencional;
- A articulação para construção de redes nacionais e internacionais a exemplo da Rede Brasileira de Turismo Solidário - TURISOL e da REDTURS;
- O acesso em 2008 ao primeiro edital público do Ministério do Turismo destinado ao Turismo Comunitário e Solidário;
- De parceiros internacionais, em março de 2009, a Rede Tucum recebeu o prêmio "TO DO", concedido pelo Instituto de Turismo e Desenvolvimento da Alemanha a iniciativas de turismo socialmente justo. O prêmio trouxe maior visibilidade junto à mídia local, nacional e internacional despertando o interesse de novos visitantes;

Destacamos como desafios:

- A formação permanente de todos os envolvidos nas atividades e serviços do Turismo Comunitário;
- A conquista das políticas públicas de infraestrutura básica de educação, saúde, transportes, saneamento básico e, meios de comunicação;
- Construir relação com agências e operadoras para promoção e comercialização dos serviços organizados no Turismo Comunitário;
- Garantir nos processos de comercialização, preços justos;
- Construir nos materiais de divulgação uma linguagem que traduza a riqueza das comunidades, sem reduzi-las a um produto comercial;

Considerações Finais

Lições aprendidas

A organização da Rede Tucum exige uma movimentação que torna fundamental a participação e a dedicação de muitas pessoas e organizações, uma vez que o processo é dinâmico, complexo e ainda em construção.

Consideramos alguns aspectos importantes no nosso aprendizado:

- A importância da articulação entre os processos de formação de sujeitos e a formação técnica para desenvolver habilidades específicas para os serviços de turismo.
- A construção da tríade crítica-afirmação-resistência na consolidação do Turismo Comunitário. Crítica ao turismo convencional, e em paralelo, a afirmação de uma proposta de turismo alternativa.
- O fortalecimento da resistência ao processo de especulação imobiliária e da conquista aos territórios indígenas, em processo de reconhecimento, Reservas Extrativistas ou Assentamentos rurais, onde a cultura dos Povos do Mar se constroi e vem se afirmando durante séculos.

- O processo de reflexão e construção coletiva de metodologias participativas, que apontam caminhos para o fortalecimento da articulação em rede, abraçando a diversidade de propostas, considerando as peculiaridades de cada comunidade nos planejamentos estratégicos

- A incidência em políticas públicas.

- E o fortalecimento da participação das mulheres e da juventude como sujeitos fundamentais na afirmação da proposta de turismo comunitário.

Desejamos que as trilhas traçadas até aqui pela nossa ousadia e o nosso fazer nas experiências vividas em cada uma das comunidades da Rede Tucum, seja mais um passo para a consolidação da proposta de turismo comunitário no Brasil e além fronteiras.

Contatos

Autoras/Contadoras de Histórias

ROSA MARIA MARTINS PEREIRA

É assessora do Programa Desenvolvimento Solidário e Coordenadora de Relações Institucionais do Instituto Terramar e, atualmente, integra a Coordenação da Rede Tucum.

VALNEIDE FERREIRA SOUSA

É professora e liderança comunitária na comunidade de Caetanos de Cima (Amontada). Integra a coordenação da Rede Tucum, representando as comunidades da Costa Oeste do Ceará que fazem parte da rede.

Instituto Terramar

Rua Pinho Pessoa, 86
Joaquim Távora - CEP 60.135-170
Fortaleza - Ceará - Brasil
Telefones:
(+55 85) 3226.2476/ 3226.4154
info@tucum.org
www.tucum.org

Créditos

A Pesquisa realizada nos documentos publicados no site da Rede Tucum e arquivos do Instituto Terramar.

OLIVEIRA, P. de S. Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas. In: OLIVEIRA, P. de S (Org). Metodologia das Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, J.M e GROSSI, M. P (Orgs). Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.